

III CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE ESTUDOS
AFRO-ASIÁTICOS.

(Rio de Janeiro, 01 a 05 de agosto de 1983)

Identidade Cultural e/ou Racial em Pernambuco:
-o registro de algumas experiências recentes.

Sílvia José B. R. Ferreira
Diretor do Centro de Estudos Afro-Brasileiros do Departamento de Antropologia do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco.

Recife- PE - Brasil

CONJUNTO UNIVERSITÁRIO CANDIDO MENDES
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS
Rua João Angélio, 61 - Rio de Janeiro - Brasil

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS

F
801

F
801

100

A História social recente de Pernambuco, no que concerne a presença e participação do negro na sociedade brasileira, registra, nestes últimos cinquenta anos, uma dezena de acontecimentos de caráter cultural e/ou social, social e/ou político - de real interesse para os estudiosos e pesquisadores da temática do negro no Brasil.

Dentre esses acontecimentos faz-se mister assinalar a realização,

um ano após a publicação de Casa Grande e Senzala (1933), do I Congresso Afro-Brasileiro (1934), a criação do Centro de Cultura Afro-Brasileiro (1936), e sua posterior reativação (1982), a fundação da Frente Negra Pernambucana (1937), a realização da I Semana da Consciência Negra (1979), a criação do Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra (1980), a instauração do movimento negro unificado no Estado (1980), sucedâneo do Cecaene, a tentativa de reativação do Teatro Experimental do Negro (1980), a criação do Balé Primitivo de Arte Negra (1979), o I Encontro Norte-Nordeste de Entidades Negras do Brasil (1981), a celebração da Missa dos Quilombos (1981), o surgimento de blocos de Afoxés no Carnaval de Recife e Olinda (o I de Africa, 1982, e o Axé Negro, 1983), a realização do III Congresso Afro Brasileiro (1982) e mais recentemente, merece destaque, a criação do Centro de Estudos Afro-Brasileiros (1983) por parte do Departamento de Antropologia do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco.

Para efeito desta comunicação - que consiste numa breve reflexão sobre Identidade Cultural e/ou Racial em Pernambuco - deverei ater-me, apenas, aos acontecimentos recentes, focalizando a atenção no Balé Primitivo de Arte Negra, no Movimento Negro no Estado e nos blocos de Afoxés.

II OBJETIVOS

O principal objetivo deste trabalho consiste em analisar as motivações psicológicas reguladoras de algumas práticas sociais que definem o comportamento dos grupos que vêm procurando atuar em bases raciais no Recife e em Olinda - como, por exemplo, a tentativa ou o esforço desenvolvido por grande parte dos indivíduos que participam mais amígd de história de vida desses grupos (anteriormente citados e objetos da atenção deste trabalho), em ressocializar ou reafirmar a personalidade.

O problema que se põe, inicialmente, é, então, o da mudança de identidade. Algumas perguntas, nesse sentido, se revelam pertinentes: O que faz com que um indivíduo ou um grupo de indivíduos, consciente ou inconscientemente, desejam mudar de identidade? Em que situação ou circunstância se processa a mudança? É possível se falar na existência de identidade cultural e/ou racial no meio desses grupos que atuam em Pernambuco?

Na tentativa de responder a estas questões, metodologicamente falarei do, recorrerrei, no mais das vezes, a observação participante.

COMISSÃO DE LICENCIAMENTO DE PESSOAS
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

III O MOVIMENTO NEGRO EM PERNAMBUCO

A efervescência atual ou o recrudescimento de práticas culturais e/ou raciais, sociais e/ou políticas em Pernambuco data de 1979, um pouco antes da criação do Cecerne - Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra. O Cecerne veio, na verdade, preencher um longo vazio existente em Pernambuco desde a criação e vida efêmeras do Centro de Cultura Afro-Brasileiro (1936) e da Frente Negra Pernambucana (1937).

As razões que levaram alguma pessoas negras e mestiças - profissionais liberais, da classe média, sobretudo - a organizarem uma entidade em bases raciais no Recife, já foram, de certa forma, analisadas num ensaio escrito por mim, em 1981, e publicado por uma editora do Recife, edições Pirata, no ano passado.

Em linhas gerais, podemos dizer que um dos objetivos do Cecerne, igualmente ao de outras entidades surgidas no Brasil, mais ou menos na mesma época, era denunciar e combater o preconceito de cor e/ou formas de relacionamentos raciais porventura discriminatórias na sociedade brasileira. O Cecerne tinha, portanto, um objetivo político. Contudo, possuía, também, uma outra preocupação: concretizar o negro de que, ser negro, nem era feio nem vergonhoso, como algumas pessoas pensavam. Afirmava-se ainda, no meio do grupo, que ser negro não era simplesmente uma questão de cor, era uma questão de raça.

O Cecerne cresceu, e às suas reuniões giravam, quase sempre, em torno de relatos ligados às experiências pessoais de seus membros. Falava-se em casos de discriminação e preconceito. Alguns relatos eram, de fato, bastante amargos, tornando-se difícil para as pessoas, muitas vezes, narra-los. Geralmente eram incidentes, no mais das vezes, sutis. Mas, nem por isso, deixavam de abrir cicatrizes profundas. O Cecerne tinha uma razão de ser, portanto. No mínimo, se as reuniões não levassem à nada tinham, pelo menos, um apreciável efeito catártico sobre o comportamento dos indivíduos.

Logo se instalou entre os membros do grupo um profundo grau de identificação ou solidariedade racial. Tudo passou a girar em torno da raça negra. A exaltação do negro passou a ser uma constante. Falava-se de sua capacidade física, de seus feitos heróicos, de seu poder de inventividade, de sua capacidade de expressão artística, de sua efetiva participação nos eventos ligados à história do Brasil (nas guerras, nas batalhas, nas revoluções, nas insurreições, nas conspirações, nas revoltas, etc.).

Faltava ao grupo, entretanto, uma coisa: um espaço ou um nicho cultural onde as experiências de vida pudessem ser dramatizadas, ritualizadas, e o nexu entre raça e cultura estabelecido. Se ser negro não era uma questão simplesmente de cor, mas de raça - como afirmavam - por sua vez, ser negro implicava, também, em poder dispor de um espaço e um domínio cultural próprios dentro da sociedade brasileira. A criação do Salé Primitivo de Arte Negra e o surgimento de blocos de Afoxés, no carnaval de Recife e Olinda, podem ser vistos, certamente, como frutos dessa preocupação e necessidade.

IV O PROBLEMA DA IDENTIDADE

Em termos étnicos e/ou culturais, fora dos espaços historicamente definidos e socialmente consagrados ao negro no Brasil -como, por exemplo, as escolas de samba e os terreiros de candomblés e xangôs- é possível afirmar que o negro se encontra completamente à descoberto ou nú na sociedade brasileira. Isto é -ele não possui nenhum ponto de referência cultural e /ou étnico que lhe sirva como suporte material, psicológico e afetivo, capaz de permitir-lhe a vivência de algumas experiências psicológicas mais profundas.

Talvez essa seja uma das grandes virtudes da sociedade brasileira -a ausência de enquistamentos raciais ou étnicos. mas, também, isso nos obriga a uma dura constatação: a constatação ou reconhecimento inevitável, de que ser negro, na verdade, implica apenas no fato de ser alguém que possui a pele escura! E, não necessariamente, no domínio, na elaboração e na posse de uma visão de mundo específico, capaz de integrar as mais diferentes experiências de vida em torno de um ideal ou ideais étnicos comuns.

A partir dessas colocações se forma fácil entender o que representa para alguém que está a descobrir-se negro, sem sentimento de culpa, receio ou vergonha, viver a experiência de participar de um balé, como o Balé Primitivo de Arte Negra, ou de desfilar num bloco de Afoxé no carnaval. A dança, escreveu Maurice Beyard, é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, alma, espírito e coração(...) a dança é também uma meditação, um meio de conhecimento, e um só tempo introspectivo e do mundo exterior.

Sem dúvida, o fascínio e a magia dos cânticos, das danças, dos ritmos, dos ritos, do colorido das roupas, da coreografia, da representação cênica, etc., do Balé de Arte Negra e dos blocos de Afoxés conduzem, inescapavelmente, à uma identificação profunda entre esses indivíduos e às culturas de origem africana -ponto de partida para a reelaboração e afirmação de uma nova identidade: a identidade negro-africana e/ou afro-brasileira.

A transformação opera, inicialmente, ao nível do corpo. Daí a preocupação com a elaboração de uma possível estética negro-africana. Imediatamente, muda-se o estilo de penteado do cabelo -quando não, deixa-se de alisá-lo ou "xangomé-lo" -adere-se ao uso de batas, túnicas, panos e tranças, na tentativa ou esperança de vir a construir uma identidade cultural própria ou específica. O que é natural que ocorre e, dificilmente, poderia ser de outra forma. A tomada de consciência racial tende a conduzir, quase sempre, a procura de um nicho, de um espaço, onde a identidade possa se localizar e vir a ser definido. E mais do que isso até: subjetivamente apropriada. No caso do Balé de Arte Negra, que é um grupo permanentemente estruturado, a apropriação subjetiva de identidade se fez e é reestruturado a cada ensaio, a cada espetáculo montado. No que se refe

re aos blocos de Afoxés, ela se revitaliza anualmente durante o carnaval.

O processo de descartamento de identidade anterior se processa, também, ao nível do nome, do discurso, da fala. As pessoas passam a se tratar comumente, por irmãos e irmãs, além de procurarem incorporar no vocabulário algumas expressões, palavras ou vocábulos de origem africana. Não raro, substituem o nome de batismo oficial por um outro que afirme a identidade cultural e/ou racial desejada: Shorokê, Alodê, Zumbi, Beren-guedê, Congo, Tição, Ébano, etc.

Dulce Campos Dantes -psicóloga clínica, com um importante trabalho publicado sobre Identificação e Identidade- afirma que o indivíduo estabelece a identidade em dois ângulos: identificando-se com o seu meio social e distinguindo-se dele. Desempenhando papéis individuais e sociais o sujeito vai estabelecendo uma ligação entre esses prismas. E assim o problema de identidade apresenta um caráter dialético. Na discussão crítica consigo mesmo, o sujeito procederá a revisões, de modo que os padrões introjetados podem ser continuamente expulsos ou reformados, digo, reformulados até que surge o movimento crucial do processo, que inclui uma tomada de decisão a conquista da identidade individual, que não é outra coisa senão a oposição a todas as projeções anteriormente processadas.

V CONCLUSÕES

Ao concluir, devo dizer, que não acredito que essas práticas culturais e/ou raciais que caracterizam e definem o complemento desses grupos, balé Primitivo de Arte Negra, Movimento Negro Unificado e os Afoxés Ilê de África e Axé Magô, que vêm atuando em Pernambuco nesses últimos três anos, com um apreciável grau de motivação racial, conduzem a enquadramentos culturais, raciais e/ou étnicos. Por uma razão: como nos faz ver as teses defendidas por Gilberto Freyre em Casa-Grande e Senzala, e em outros de seus importantes trabalhos, não existe nenhuma relação unívoca e linear entre raça e cultura. Logo, o fato de alguém descobrir-se negro, ou mergulhar na aventura de negritude, não implica, necessariamente, que se identifique ou venha a participar de vida desses grupos. Afinal, a pluralidade de motivações culturais, sociais e religiosas, existem no Brasil e abrem as portas para inúmeras possibilidades do negro se situar na sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- Ferreira S.
1982 - A Questão Racial Negra em Recife
Recife: Edições Pirata.
- Freyre, G.
1980 - Casa-Grande e Senzala.
Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 20ª edição.
- Dantes, D.C.
1974 - Identificação e Identidade Numa Perspectiva Psicanalítica.
(P 25) Rio de Janeiro: PUC (Depto. de Psicologia).
- Garandy, R
Dançar a Vida.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 3ª edição (p.3).
- Berger, P.
Luckmann, F
1978 - A Construção Social da Realidade
Rio de Janeiro: quarta edição (3º capítulo, A Sociologia como realidade subjetiva.